

Carta aos judeus

Por: Frei Betto - Escritor, é autor de A mosca azul - reflexão sobre o poder (Rocco), entre outros livros.

Publicado no Jornal Correio Braziliense em 09 de janeiro de 2009.

"Por mais que o governo de Israel e todos os que o apoiam tentem, não irei odiar a vocês, irmãos judeus. Ainda que as tropas israelenses matem centenas de crianças e pessoas inocentes, não vou desejar a morte de suas crianças nem jogar a culpa na totalidade de seu povo. Mesmo que manchem a Faixa de Gaza com o sangue de um povo, que também corre em minhas veias, metade árabe, não vou revoltar-me contra nenhuma etnia nem julgar que há raças melhores ou com mais direitos que outras, como quer nos fazer acreditar o governo israelense. Embora eu também queira ouvir as vozes judaicas de protesto contra o massacre dos palestinos, não deixarei de condenar os que se calam diante do holocausto judeu. E, mesmo que tomem à força a terra do povo árabe, não vou jamais apoiar o confisco dos bens do povo judaico, praticado há tempos pelo governo nazista. Por mais que o governo de Israel e todos que o apoiam traiam a tradição hebraica dos grandes profetas que clamaram por justiça e paz, ainda quero manter viva a esperança que eles anunciaram. Mesmo que joguem sua memória na lata de lixo, faço dos profetas do antigo Israel os meus profetas, pois o anúncio da justiça não distingue credos, nações ou etnias. Sei que muitos de vocês condenam a violência, não apoiam o massacre dos árabes palestinos e gostariam que o governo de Israel respeitasse as decisões da ONU e o clamor da comunidade internacional pelo cessar-fogo imediato. Mas gritem! Se sua voz não for ouvida, acreditar-se-ão com razão aqueles que ainda falam mal de seu povo. Mesmo que sejam deploráveis todos os antissemitas, o silêncio dos judeus diante do massacre perpetrado pelo país que ostenta a estrela de Davi na bandeira pode ser usado como reforço para os argumentos torpes da superioridade racial. Há mais de 60 anos seu povo clamou ao mundo por solidariedade. Chegou o momento de retribuir, de mostrar que a solidariedade é um sentimento universal, não restrito a uma etnia. Não deixem o governo de Israel fazer esquecer o quanto vocês sofreram como vítimas só porque agora ele é algoz e está protegido pela maior potência mundial, os EUA. Não permitam que a ação de Israel faça parecer que, apesar das manifestações mundiais de condenação, seu Estado se acredita o único que possui razão, pois era assim que o governo alemão pensava no tempo do nazismo. Estejam certos de uma coisa: independentemente do resultado da absurda campanha israelense ou qualquer que seja a posição de seu povo diante da violência e injustiça cometida por aquele país, não vou ceder à tentação do pensamento racista; não vou apagar da minha memória a catástrofe do nazismo e o sofrimento do povo judeu; não vou pensar que há povos que não merecem nação e que devem ser eliminados; não deixarei de condenar o antissemitismo ou qualquer tipo de preconceito étnico. Continuarei defendendo a ideia de que todos, sem distinção, somos iguais e temos os mesmos direitos: judeus, negros, árabes, índios, asiáticos etc. Manter-me-ei firme em minhas convicções, pois jamais quero me igualar aos governantes de Israel e àqueles que o apóiam".Faço minhas as

palavras de meu querido amigo Maurício Abdalla, companheiro no Movimento Fé e Política, professor de filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo e autor de reconhecida qualidade, como o comprova o texto acima, que tão bem traduz a indignação e a dor de tantos que testemunhamos a guerra do Oriente Médio. Vários intelectuais judeus têm manifestado indignação frente às operações do Estado de Israel. Tom Segev, historiador e cientista político, escreveu no Haaretz que "Israel sempre acreditou que causar sofrimento a civis palestinos os faria rebelarem-se contra seus líderes nacionais, o que se mostrou errado várias vezes". O escritor Amos Oz sublinhou: "Chegou o tempo de buscar um cessar-fogo", com o que concorda o escritor David Grossman e o ex-chanceler israelense Shlomo Ben-Ami.

Resposta de Davy Bogomoletz:

São Paulo, 10 de janeiro de 2009

Senhores, peço-lhes publicar esta minha resposta à carta publicada ontem, neste Correio, por Frei Beto.

Caro Frei Beto, de tão glorioso passado e de tão admirável história:

Li o texto divulgado por você, com a citação tão bem redigida por Maurício Abdalla, cujas palavras me comoveram, menos algumas sobre o Governo de Israel, que parecem ecoar certos textos 'literários' de outros autores muçulmanos. Eu também acho que, a esta altura, já chega de tiroteio e derramamento de sangue.

Gostaria apenas de dizer duas únicas frases (embora um pouco longas, pois se trata de uma situação nada simples): Se uma vez, uma única vez que fosse, eu tivesse lido ANTES uma 'Carta ao Hamas' de sua autoria, dizendo a eles (aos povos, facções ou governos muçulmanos) AS MESMÍSSIMAS COISAS com os nomes trocados, protestando contra suas juras em nome de Alláh de varrer Israel do mapa e (obviamente) executar todos os judeus que lá vivem, eu não apenas teria certeza de que suas palavras dirigidas agora aos judeus são sinceras, pois disso não duvido, mas também as perceberia como lúcidas, inteligentes e isentas de preconceito e de maniqueísmo.

Como nunca li nada escrito ou citado por você conclamando governos, facções ou povos muçulmanos a, em primeiro lugar, pararem de ameaçar ou de estraçalhar judeus em Israel e fora dele (Argentina, por exemplo, Índia, recentemente) e a respeitar seu direito à vida e à independência política, e, em segundo lugar, pararem de derramar como água o sangue de seus próprios compatriotas e co-religionários (Irã, antigamente, recentemente e ainda outro dia, Paquistão, Palestina [Hamas – Fatah], Kuwait, invadido pelo Irã, a guerra Irã-Iraque, Argélia, até algum tempo

atrás) e de populações na África oriental (Darfour!!!!) e no Líbano (OLP – população árabe cristã), continuo a acreditar que suas palavras e a do autor que você cita são sinceras e bem intencionadas, mas leio-as como carentes de qualquer resquício de lucidez, de inteligência e de isenção.

Perdão, mas só acreditarei em quem condena X que se defende de Y se antes vier a sua condenação a Y.

Obrigado.

Davy Bogomoletz – São Paulo.

www.franklingoldgrub.com